



O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

TRAIADORES

«Ha portugueses que arrastam pela lama o nome de Portugal, no estrangeiro, em campanhas difamatorias, em conluios nas alfurjas, em conspiratas com elementos estranhos?... Se ha, são traidores!»

«Não ha compadrio de partido, idealismo politico, odio á Ditadura, principio algum humano, que justifique a solidariedade que alguém, neste País, lhes queira prestar.»

«Esta substanciosa tirada de extreme patriotismo é, dizem-nos, das *Novidades*, orgão que, como clerical que é, deve ser, isto é, deve afirmar-se neutro em materia politica, imparcial nos seus juizos sobre o assunto, recto nas suas desinteressadas criticas e sentenças em tão transcendente tema. E, nisto fiados, vamos a generalizar a justiça, condimentando o justo desabafo do orgão catolico-romano com uma pitada de logica e, o que é melhor, de moral.

Sim, senhores. Ao nosso patriotismo, que não pede venia a ninguém para ser tão bom como o das *Novidades* nem permite que o dozeiem instituições ou interesses alheios á Patria, «repugna o conluio com estranhos, a conspirata com estrangeiros, em questões que só a portugueses dizem respeito. Nada ha que justifique esse imperdoavel crime. Principio algum humano»... etc., etc. Muito bem. «Se ha portugueses que assim procedem, são traidores.»

Simplesmente, as *Novidades* não provam que os haja. E quasi iamoa a dizer que é pena, porque, tirando o que nela ha de condicional e de suspeito, a prosa era digna de um pulpito. O diabo da condicional é que estraga tudo. Estas coisas querem-se provadas, tão graves, tão melindrosas são. Não vá o labebu atingir inocentes, não possa a ignominia ferir homens bons. E, assim, enquanto o orgão catolico-romano cata as provas precisas para final julgamento dos réprobos, vamos á logica.

Se nada ha que justifique a solidariedade prestada aos que lá fora tramam contra a Patria — e nada, a nosso vêr a justifica — como explicar os rapapés e salamaleques em volta de muitos dos que lá fora conspiraram e se armaram contra a Republica? Não é crime de lesa-patria o desses que, para derrubar a Republica, de todos os meios se serviram, desde as mais anti-patrioticas campanhas difamatorias até ás invasões armadas? Não são traidores, nojentos traidores, os que, para satisfação dos seus odios politicos, gritavam que «quanto pior melhor», que «antes Afonso XIII que Afonso Costa»?

Os traidores não merecem a solidariedade de ninguém. Réprobos, devem ser apontados a dedo. Como se explica então a solidariedade prestada a tantos que á Patria causaram tão grandes prejuizos, conspirando em terra estranha, armando-se em terra estranha, buscando o auxilio de terra e gente estranha?

Estes sim, que são traidores com exame feito; os outros se-lo-ão quando o fizerem, quando as *Novidades* nos mostrarem as provas. Ou a logica...

DÓRIO.

A' margem dos livros... e da vida

De Guyau (*Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*):

«Haveria uma conciliação possível: seria demonstrar que a virtude abrange analiticamente a felicidade; que escolher entre a virtude e o prazer, é escolher ainda entre duas alegrias, uma inferior, superior a outra. Assim o criam os estoicos, assim o julgava Stuart Mill, e até Epicuro. A hipótese pode verificar-se em um pequeno número de almas elevadas, mas a completa realização dela não tem positivamente lugar «neste mundo»: a virtude não é, entre nós, por si propria, uma perfeita recompensa sensível, uma compensação plena (*pro-mium ipsa virtus*). Há poucas probabilidades de que um soldado, que cai ferido por uma bala nos postos avançados, experimente, no sentimento do dever cumprido, uma soma de contentamento equivalente á felicidade da vida inteira. Reconheçamos, pois, que a virtude não é a felicidade sensível. Mais ainda: não há razão natural, como também a não há puramente moral, para que o venha a ser mais tarde. No jogo das alternativas, o ser moral tem a percepção de ser colhido pelos tirantes dos rodizios: está ligado, está cativo do «dever»; não pode libertar-se, e tem somente a esperar o movimento do grande mecanismo social ou natural, que deve esmagá-lo. Deixa-se levar, talvez lamentando ter sido a vítima escolhida. A necessidade do sacrificio, em muitos casos, é um mau numero; mas tira-se, coloca-se na frente com uma certa altivez, e parte-se. O dever em estado agudo pertence áqueles tragicos aconteci-

mentos, que a vida origina. Existências há que lhe escapam: consideramo-las geralmente como felizes.»

Há na Justiça duas entravantes preocupações enleadoras: considerar o pobre como reu congenito de todas as más acções a que dá ensejo e causa a pobreza; e a de condenar o rico, responsavel unico e exclusivo, como sendo o comprometedor e fastidioso cumplice da desordem social, da qual vivemos.

«O dinheiro, o dinheiro! Seja qual for, diz o Giraud, na peça de filho Alexandre Dumas, seja qual for a mão em que o dinheiro se encontra, é o unico poder que não se discute nunca. Discute-se a virtude, a beleza, a coragem, o genio. O dinheiro, esse, não se discute jamais.»

Mas quando falha o dinheiro, logo tudo se discute — a virtude, no seu mais elevado sentido; a beleza, como suprema e inatingivel aspiração de nossos actos de verdade, de consciencia, e de amor do proximo; a coragem, que nos arrebatava aos mais solidos empreendimentos e se desfaz como soprado baralho de cartas; o genio — o genio da burra farta... e a burrice do engenho falido. Crime — não ter dinheiro de nascença; crime — ter dinheiro, ganhá-lo, e perdê-lo. Bemdito seja o Senhor!

Carta de Amor

*Quis sóror Mariana Alcoforado,
Num amoroso gesto de momento,
Reencarnando o fantasma enamorado,
Vir contar-me o seu sonho do convento.*

*Eu escrevia um nome idolatrado,
Numa carta de amor e sentimento,
Nessa hora de sonho amargurado,
Em que ela me contou o seu tormento.*

*E essa carta que tu achastes bela,
E semelhante ás suas na paixão,
Era afinal mais uma carta dela!*

*Pois fui eu a escutar-lhe a descrição,
Dessa vida de amor triste e singela,
Que ta escrevi assim por sugestão!*

MARIA FRAGA.

E' pr'ó abade

A Quiterrinha, quarentona de encher o olho, que por morte do da Bouça ficou viúva e senhora de farto casal, anda num sino porque vai ter voto. A dar crédito ao que lhe diz o abade, muito sabido em leis e mistiforios eleiçoeiros, ela é das que vai ter o sagrado direito de votar. E só por isto anda Quiterrinha orgulhosa e radiante.

Ter um direito e logo sagrado — o direito de voto — é para ela qualquer cousa de transcendental, mais que não seja, pela enleante novidade a pôr uma pincelada de importancia nos seus braços de camponia humilde.

Quando o sr. abade lhe falou nisso a primeira vez, nem quis acreditar.

— Vais ter um direito, Quitéria.
— Hom'essa! Sabe o senhor que mais!...

— Vais ter um direito e não é pequeno.

— Pois então, que le faça bô proveito. T'arrenego!

— Af está como vocês, as mulheres, agradecem a quem só bem lhes faz, dando-lhes direitos que não merecem.

— E ele a dar-le...

Não acreditava. Só depois de ele lhe falar á puridade e de ler uma folhinha que trazia no bolso é que ela acordou no caso. Sempre era certo. O direito era para ela. E o mais bonito é que no lugar nenhuma outra mulher o abicava. Que inveja, quando as outras soubessem... E aquela sêca da do Corgas, que já lhe tinha levantado famas? Essa é que havia de ficar... Não, que uma daquelas! E Quiterrinha media a largos passos, a passo de homem, o chão negro da cozinha, as mãos fincadas nas ancas roliças. Lá que era verdade, era. Se não fosse, pensava alto, o finório do abade não lhe teria pedido o voto.

— Agora, Quitéria, tu já sabes, o votinho...

— Ora, essa! Por quem me toma o sr. abade? Faça de conta que já o lá tem. E o mais que fôr preciso.

Um finório, o abade! Mas, emfim, o dito dito. Não se fôsse dizer que ela, a viúva do da Bouça, faltava á sua palavra. O diabo era o compadre, o Brasileiro. O voto do seu defunto era sempre dele. Ora... Quem mandava agora era ela. O direito era só seu. Prometen? Pronto; estava prometido. Viesse quem viesse, só tinha uma resposta:

— O meu está dado. E' pr'ó nosso abade. E adeus. Tenho de arranjar o comer pr'ós porcos.

«O Povo de Guimarães»

Continuamos na luta tremenda entre a abundancia de original e a exiguidade do espaço, luta em que a aquelle é necessariamente vencido por este. Aos nossos colaboradores que ainda não viram publicados os seus originaes, pedimos m pouco de paciencia. As circunstancias podem mais do que a nossa boa vontade.

Visado pela Comissão de Censura

O Povo Português

O povo é a alma nacional, na plenitude das suas manifestações, sempre generosa e afectiva, ansiosa de progresso, ardente de liberdade.

E' o destemido guerreiro que dos campos de Ourique e Aljubarrota, em luta pasmosamente desigual, arranca triunfante a independencia de Portugal, revelando brilhantemente a sua repugnancia pela servilidade e a sua intransigencia contra a tirania.

E' o navegador audaz que, em frageis bateis com que o Oceano revoltado brinca a seu bel-prazer, triunfa das ondas encapeladas dá, novos mundos ao mundo e leva a todos os recantos da terra o sagrado pendão das quinas, fazendo de Portugal o mais portentoso império.

E' o heroico reivindicador dos direitos pátrios, sacudindo gloriosamente, em 1640, o pesado jugo filipino e libertando o seu querido Portugal das afrontas que lhe lançou durante intermináveis 60 anos a insaciavel ambição de Castela.

E' o génio empreendedor, o braço executante de inumeros feitos grandiosos que levou a civilização aos confins do mundo e ensinara a aproveitar as riquezas sem conta que soube procurar nas suas arriscadissimas viagens maritimas.

E' o sublime espirito humanitario e altruista que, em visão nitida da liberdade e dos sacratissimos direitos individuais, decreta e faz cumprir a abolição da escravatura e da pena de morte.

E' o braço valente arando as terras, a alavanca potentissima fomentando a industria, a chave universal abrindo as portas ao commercio, o cérebro privilegiado criando maviosos poetas, talentosos escritores, sábios mestres, belos artistas e admiráveis estadistas, de cujo conjunto é universalmente conhecida a resultante da auréola, de grandezza, de respeito, de consideração que Portugal tem gratamente gozado através de todas as idades.

E' o espirito luminoso, a energia indomável que não consente que os seus direitos lhe sejam roubados e, reconhecendo o alto significado da soberania popular, se lança arrojadamente na gloriosa jornada de 5 de Outubro de 1910 e proclama, definitivamente, como regime governativo de Portugal a Republica.

E' o coração generoso que, tendo, através de constantes lutas, de traiçoeiras campanhas, de afrontosas perseguições, feito sobressair o seu brilhante triunfo, estende a mão amiga e oferece magnânimo perdão ao seu irreconciliavel inimigo.

E' o soldado valoroso e heroico que nos campos de Africa e França, em feitos de inexcédível heroicidade, de inegalavel sacrificio, traçou essa página brilhantissima da história mundial que assinala o retumbante triunfo da justiça e da liberdade.

E' o acérrimo defensor da Republica que, com estoico desprezo pela morte, desdenhando da metralha que o procura, escala Moutanto e castiga com mão decidida

TRIBUNA OPERARIA

Explodiu tragica e incendiaria a coiera espanhola. Ela ruminava ha muitos anos o espirito liberal da-quele povo, estava convulsionando de uma forma assustadora a sua alma oprimida em centenas de anos por uma reacção estúpida, por um regime de força, que a consciencia dos povos não tolera hoje, porque já ontem os condenava.

O que acaba de dar-se na Espanha não me surpreendeu.

E não me surpreendeu porque adivinhava-se, sentia-se, palpava-se, via-se mesmo bem que os animos exaltados da Espanha revolucionária e republicana procuravam a hora da sua justiça, e a populaça, perdida por um momento toda a noção das coisas, deu largas ao seu entusiasmo, á sua sede de justiça e de liberdade, indo até á pratica de excessos du-ros, na verdade, mas que tinham de dar-se, inofensivamente, infalivelmente...

Tarde ou cedo a consciencia forte da verdade quebra as algemas; e, louca, e desvairada, — heroica e mar-tir, — assalta, mata e rouba...

Foi o que se deu. Tinha mesmo que se dar.

Se me preguntarem se acho bem, direi que não! E' que á minha alma lusiada sempre repugnou a acção violenta, o crime, o incendio... Creio que pensam assim todos os homens.

Mas, no caso presente, os excessos cometidos na Espanha devem merecer o nosso acto de perdão, porque mais criminoso, mais selvagem, mais ignominioso, foram os atentados da seita negra de João III. A historia tem paginas de sangue, escritas a ferro e fogo, e a humanidade ainda hoje seria vítima do odio jesuitico se não tivesse, na sua vida, uma acção violenta.

Não culpemos, pois, o gesto do povo espanhol: ele aí está bem justificado, porque ha seculos viu assassinar, a sangue frio, gerações e gerações inocentes, culpadas de não crerem no deus fanatico, tirano e despotico de Inacio de Loiola.

AFONSO FRANÇA.

os monárquicos que em gesto trai-dor, em um crime de lesa-pátria, pretendiam abafar os seus gritos de liberdade, igualdade e fraterni-dade, roubando-lhe a soberania que conquistou e mantém com sacrifi-cio dos seus haveres, do seu sangue, da sua vida.

E' o trabalhador infatigável, sem-pre a mourear, que transforma a sua energia vital em riqueza nacional e com o seu nobre esforço con-corre para o engrandecimento da Patria.

E' o espirito altruista que com sublime magnanimidade e abnega-ção, se consome a si proprio em prol da humanidade, chorando as suas mágoas, entoando canções do-lentes com que lhe suavisa a dor, perscrutando os seus desejos, rindo com a sua alegria, lutando pelas suas aspirações.

E' a força invencível que a todos os momentos, sem hesitações, es-quecendo-se de si proprio, com uma resistencia inabalável, defende a justiça e afasta os inimigos do bem e do progresso.

E' a vida, é o alento, e o apoio vigoroso da Nação, o pedestal da sua felicidade, o esteio seguro do ressurgimento e do progresso, a fonte inexaurível de todas as ri-quezas, a luz bendita que ilumina com todo o fulgor a Patria e a Republica.

Como é grande, como é admirá-vel o povo português!

ALDO.

Edições da Livraria Lelo,

Adquirindo-as, podeis habilitar-vos aos sortelios da mesma livraria.

Consultai as condições na livraria L. Oliveira & C.^a, rua da Republica (junto ao Banco do Minho).

PARA MEDITAR

A lição de Espanha

Aí está no que deu a moderação de governo espanhol. Quiz-se fazer Republica substituindo apenas o Rei pelo Presidente. Supoz-se, ingenuamente, que tanto bastaria para modificar toda a Espanha, redimindo-a de todo o seu passado de opressão e de obscurantismo conservador.

Puro erro! A Republica Espanhola não será um facto enquanto se não auscultar profundamente a ansiedade da Nação e se não corresponder ás suas mais sagradas aspirações de liberdade e de reforma social. Só assim, indo ao encontro da opinião publica e cum-prindo, integralmente, o seu man-dato, se fará uma República séria que inevitavelmente conduza a uma democracia inofensível.

Pretender o contrario, não é ape-nas erro de visão: é tambem lou-cura rematada, para não dizer trai-ção ás proprias ideias. A eloquen-cia dos factos, mais forte e signifi-cativa do que todos os arranjos ou habilidades polítics, aí está a con-firmar, ou melhor, a documentar as nossas palavras. Não é ladeando os problemas sociais com tibiezas comprometedoras que elles se re-solvem: é encarando-os heroica-mente, investigando a sua origem até ao mais intimo do sub-solo e dando-lhes directrizes lógicas no coucerto da hora decorrente.

E na Espanha, como em Portu-gal em 1910, quiz-se fazer uma República lírica, sem represálias e sem sanções, sem exigencias de responsabilidades, para que o re-gime nascente surgisse aos olhos do mundo como um sonho de fadas.

Mas os homens não são fadas nem os Paraísos se encontram fora do dominio dos sonhos. Bem ao contrario, hão-de ser eternamente

estúpidos e maus, egoistas e trai-coeiros. E por isso não se estranhe que eles, regra geral, correspondam com uma pedrada aos adversários triunfadores que, no fim da luta leal, lhes estendam a mão em fraternal promessa de magnanima con-córdia.

A República Espanhola deixou nos seus lugares todos os servido-res do velho regime; não procurou novas engrenagens para mais perfeita laboração da grande máquina do Estado; não recrutou entre aque-les que fizeram o novo regime os seus legitimos servidores; nem tão pouco meditou as lições históricas que certas nações, como Portugal, poderiam oferecer aos homens de bom-senso. No vibrante desejo de construir o *Edificio Novo*, — nem se deu conta de que o material que se utilizava era do mais velho e inconsistente...

E os resultados, viram-se: a Na-ção ergueu-se toda, clamorosa, apo-teótica, em protesto contra aqueles que na sombra já planeavam a queda do Regime que devia redim-ir os sacrificados de Jaca. A Na-ção, em péso, exigiu obra franca-mente republicana, sem tibiezas, sem amolecimentos, sem transigen-cias comprometedoras, tantas vezes semelhantes á *alta traição*!

A ameaça está feita: ou o go-vérno faz obra que verdadeiramente conduza a uma Democracia, ou a Nação fará obra por suas mãos, obra resgatadora que dum vez para sempre a liberte dos perigos das castas e dos tiranos!

O govérno espanhol escolherá. Mas cuidado: foi o Povo que fez a República; e ele não dorme, — por-que é unico e real soberano!

EDUARDO SALGUEIRO.

EM BREVES LINHAS

Aquella frase do Policia — *Nin-guem pode andar parado* — querendo obrigar os cavaqueadores, por causa do receio ás manifestações, a des-fazerem os grupos estacionarios, parecia definitiva, como lapidar modelo no genero. Pois um de nós, um dia proximo, no chamado Passeio das Cardosas, do Porto, caçou esta do Policia — *E' proibido perman-ecer com estabelecimentos ambulantes no interior de dentro dos pas-selos*. Autentica. E imortal!

Pouco mais adiante, á porta dos banqueiros Sousa Cruz, etc., outro de nós ouvia a um brasileiro, aliás correcto e simpatico, apontando um amigo que atravessava a Pra-ça, ao sol florido de Maio — *Olha o Ventura todo fêchado, envolpado no casaco!* Envolpado no casaco — é adoravel.

Mas isto deve ser da atmosfera. Porque, no mesmo dia, um grande diario de Lisboa, em artigo de saudação ao novo presidente eleito da Republica Francesa, dizia, con-tando-lhe os 74 anos, que devia estar perto da morte, que o n.º 13 era fatidico, e repetia a frase de Clemenceau, em outras eleições presidenciais, «eu voto no mais burro». Delicioso como estilo pro-tocolar!

Charlie Chaplin (Charlot) sinteti-za a sua ultima criação: «O tema da *Cidade das Luzes* está, todo, na perseverança com que me dedico a dar vista a uma rapariga cega, que vende flores. Economiso o di-nheiro necessario a uma operação salvadora. Na scena final, a moça espera na sua loja o bemeifeitor, que ela nunca viu, quando, subita-mente, vendo um homunculo ridi-culo, que desce a rua, desata ás gargalhadas. O ridiculo homen-zinho ouve o seu rir, e, polida-mente, depois de a saudar, contin-ua o seu caminho para o desco-cido. E' assim a vida.»

Conto da semana

Picaresco

O' pai da vida! Com os seus 69 bem puxados e uma teoria de ama-sias capaz de pôr na espinha o mais gordanchudo pachá...

Coitado do homem...

Já ha um tempo para cá que a mulher suspeitava dele. Aquellas sai-das, aquella indiferença, os seus ares desdenhosos e frios, tudo nele indicava que ali andava caveira de burro. Ela ralava-se, que a coisa não era para menos. Pois se ele era tão metido em casa e agora mal lá parava para comer! E sempre aborrecido, e sem-pre triste, como se tivesse na area do peito, morte de homem ou praga ruim que o minasse.

Ná! E lá ia, a pobre de Cristo, de porta em porta, *trupa* aqui, *trupa* ali, a buscar o parecer de visinhas e comadres, morta por encontrar quem lhe desvendasse aquele misterio, que lhe punha a alma negra.

Entretanto, a filha, mocetona de pelo na venta, espreitava, mas sem-pre em vão.

O velhote limitava-se a deambular, calado, macambusio, pelas suas pro-priedades, saudando os que o saudavam, com cara de quem não dava pelo escarceu que á sua volta se ia levantando.

De vez em quando, parava a scis-mar, dizia a cachopa, com os olhos *espelados* nas pontas dos tamancos, mas, logo voltou a girar, as mãos metidas nos bolsos da jaqueta, com o ar de um brasileiro no pleno gôso das suas patacas.

Se não fosse aquella tristeza, aquella repugnancia ao convívio, dir-se hia um homem feliz.

E assim se passavam os dias, ele cada vez mais enfonhado na sua in-diferença, ela cada vez mais suspei-tosa e angustiada.

Até que um dia...

Por conselho não sei de quem, a heroína do caso pegou numa camisa e numas ceroulas sujas, do velhote, e pôz-se a caminho para casa da bruxa. Houve o ritual do costume, de-fumadouras e benzedelas, e a com-comitante consulta ás cartas.

As tantas, vem mais aquelas; a mulher de virtude *espeta* as mãos nos quadris chupados e diz-lhe á queima-roupa:

— O que ele é, é um grande pati-fório. Lá que havia sêmea no nego-cio, já eu sabia, mas tal chusma!... Olha o figurão...

— ?

— E' isto. O catita do seu homem tem umas poucas de bôcoras ás per-nas. Eu nesta coisa de cartas leio tão bem como Deus lê nos corações. O seu velhote tem um cortijo delas, doze, que é quanto cá marca.

— Em nome do Padre. do Filho...

— Deixe-lá isso, que é perder tem-po. Se ele fosse meu homem, outro galo lhe cantaria. Ora o mariola... O *padre* dele estava num bom mar-meleiro. E vá-se com esta: chegue-lhe!

Mal entrou em casa, fechou-se num quarto com a filha. Levou seu tempo a conversa. Quando saíram, ouviu-se a moçoila, que era de pelo na venta, dizer para a mãe:

— Deixe-o por minha conta. Hom-messa! Arre, pouca vergonha! A mãe vai ver como lhe eu caio.

— Olha que é teu pai.

— Um grande canudo. E' mas é um grande desavergonhado. Você aqui a fiar na roca, e ele a pôr-nos nas bôcas do mundo... Ai, isso é que vai comer!

E, se melhor o disse, melhor o fez. A' hora da ceia, ainda o pobre do velhote não tinha os dois pés dentro da cosinha, já a cabeça tocava a ra-chado com quatro valentes fuiradas, que o deixaram sem fala.

Quiz retroceder, mas era tarde. A moça esgrimia o fuero com máscula pericia, e a prova é que, ás duas por três, o desgraçado tombava de bruços no soalho, vítima da cólera da filha, ou antes, da crassa ignorancia da família e do cinico embuste de uma bruxa.

Coitado do homem... Se ele, assim, sem ter amasias, ficou com os queixos num molho, que faria se as tivesse. Lá se lhe iam os queixos, lingua e o mais.

Apreensões

Um fortuito encontro de pensa-mentos deu-me a razão de ser deste artigo. Na actual situação da po-litica portuguesa, e dadas as res-ponsabilidades daqueles dos meus anos que nela intervieram, facil cobardia se tomava remetendo-se cada um áquele prudente silencio do aforismo.

Tenho por meu dever, como todo o trabalhador intelectual, de-finir opinião nesta hora. Não faço profissão de pensador (pois de me-nino e moço, em seminarios manus-critos do collegio, me designava, obscuramente, «pensativo») sendo por inclinação natural nervosamente sujeito ás contendas do século. O que vou dizer, sinto-me na obri-gação de o dizer, embora sem pro-veito para alguém, porque é irre-primível, em mim, a ansia de que sirva de escaramento a lição so-frida, ou possa fructificar a fé per-duravel.

Fortuito encontro de pensamen-to, disse, que me levou a estabele-cer o diálogo da veneravel filosofia Spencer com o romance afamadis-simo de Huxley.

O bridgista dos jogos familia-res e das concepções filosoficas es-tabelece, sob uma forma de apa-rente geometria sociologica — do mais simples para o mais complexo, do homogéneo para o heterogéneo, da concentração para a dispersão de forças — que a sociedade passaria da organização militar á industrial, mais perfeita, mais heterogénea, mais dispersa.

Não é esta aquella velha filosofia dos gregos, degenerada em Aristo-teles, que atravessou maçadamente os séculos, todavia construtiva, e dando a perfeita integração do eu — e do cosmos; mas, depois da mo-numental construção comteana, a primeira e a mais perfeita das es-pecializações filosoficas.

A filosofia de Spencer é, para o conjunto filosofico, como uma espe-cialidade cirurgica para o conheci-mento do corpo humano.

Todo o saber de Spencer resulta do estudo do corpo humano social que tinha sob as suas lentes de filo-sofo: do militarismo, dizia ele, para o regime industrial; a indus-tria é a nova lei, a nova constitui-ção dos estados, o novo rumo não só das actividades como do genio mo-derno. E Spencer, sentado na sua cadeira algodoada, interpretava... a consciencia universal conhecida.

A sua filosofia triunfou, os seus textos, nos pontos mais focantes, reproduzidos se encontram em quan-tas sebetas e academicos tomos de livros perfeitamente conside-raveis.

Spencer era inglês, sereno, frio, racionador, homem de pensa-mento.

Anos volvidos, um outro inglês, este romancista, sem responsabi-lidades de natureza filosofica perante a veneranda assembleia, um dia, numa das paginas desprezadas de um qualquer livro de contos, Huxley, pela boca de Ramião ex-clama enervado: *ai!* o que tem feito de nós, pobre humanidade, toda a gasolina pestifera, o rançoso oleo, a trepidação scismica, do industria-lismo actual! — Se querem vingar a humanidade presente dum de-vastadora catastrophe; se queremos realmente salvar os nossos filhos para um novo mundo mais perfeito, urge fazer pausa, desempear a atmosfera dos vapores mortiferos da gasolina, dos oleos e desses tubos de chaminés que fumegam no espaço.

A filosofia de Spencer deu a realidade sinistra de Ramião.

Ramião, julgando Spencer, absolvía-a; Spencer, julgando Ramião, pelo menos... degredava-o.

Foi este paradoxo de critica filo-sofica que me sugeriu as conside-rações que muito brevemente vou expôr, se a vossa infinita paciencia assim o permitir.

EDUARDO D'ALMEIDA.

MÁQUINAS DE ESREVER

As mais perfeitas, as mais moder-nas, as mais resistentes e as mais economicas, vende a Casa High-Life

Pelo Tribunal

Ultimas distribuições:

I—CIVEL

Audiencia de 7 — Carta precatoria para penhora, vinda do Tribunal do Comercio do Porto, 1.ª vara, do M.º P.º contra a firma Bento Corbal & Companhia, com sede em Guimarães — Escrivão Lopes.

Audiencia de 11 — Alberto Pimenta Machado, com a Fazenda Nacional (embargos de Terceiro vindos da Repartição de Finanças) — Escrivão Rodrigues.

II—COMERCIAL

Audiencia de 11 — Bento dos Santos Costa & Companhia, Limitada, com sede na rua de Camões, contra José da Silva, negociante, da freguesia de Sande, da comarca de Vila Pouca de Aguiar — Escrivão Lopes.

— Guilhermino Augusto Barreira, negociante, desta cidade, contra Manuel Cipriano Borba, negociante, de Loulé — Escrivão Rodrigues.

— Augusto Mendes, negociante, desta cidade, contra Joaquim Caetano, negociante de S. Bartolomeu de Messines, da comarca de Silves — Escrivão Rodrigues.

III—ORFANOLOGICA

Audiencia de 11 — Carta precatoria, para affixação de editais, vinda de Santo Tirso, extraída do inventário de Antonio de Almeida — Escrivão Baptista.

— Carta precatoria para nomeação de louvados e avaliação de um prédio, de Tondela, extraída do inventário de Maria Cândida Rodrigues de Matos Guimarães.

ESPECIAL

Audiencia de 11 — José Mendes, proprietário, do lugar da Vaca Negra, da freguesia de Urgez, desta comarca, contra Joaquim de Araújo, do lugar do Cruzeiro, da mesma freguesia — Escrivão Rodrigues.

— João de Paiva Faria Leite Brandão, da casa do Carvalho da Arca, freguesia de Polvoreira, contra Eduardo Passos, desta cidade.

CIRCO

Tinhamos já composta a noticia referente á estreia do bem organizado nucleo de atletas e artistas que constituiu o circo de Koniöt-Mariano quando as exigencias tiranicas do espaço nos forçaram a retirá-la. Apesar de terminados os seus espectáculos, não queremos deixar de fixar, ao de leve, a impressão de agrado com que ficamos, impressão que é tambem a do publico, como o demonstrou a sua affluencia e o entusiasmo com que applaudia todos os numeros, alguns dos quais eram, na realidade, emocionantes e reveladores de habilidade, destreza e força fisica. Da parêlla de palhaços — Vasquito e Nino — só ha que dizer bem. Quanto á familia de Walter (que é ainda hoje um excentrico cheio de valor e de arte) diz do agrado causado, mais do que as palavras, a apoteose que lhe foi feita na noite da sua festa artistica, a de despedida da companhia. Little, apresentando os seus filhos — duas senhoras gentis e dois pequenos encantadores — fá-lo com uma graça superior que, aliada a um sentido, verdadeiro amor maternal, desperta, não só o riso, mas, sobretudo, uma espontanea emoção. Koniöt e sua esposa destacaram-se tambem do conjunto, como formidaveis cavaleiros que são.

Aos nossos assinantes

Pedimos aos nossos assinantes o obsequio de prontamente mandar liquidar os seus recibos, quando lhes sejam apresentados, a fim de evitar devoluções que só vêm atrasar o serviço de administração.

Aos assinantes das freguesias do concelho pedimos tambem, logo que recebam o aviso da cobrança do recibo, de prontamente o mandarem fazer no prazo estabelecido, ou seja dentro do prazo de os dias que o correio concede e pelo que ficamos reconhecidos.

Tribuna do professorado

Iniciativas fecundas

Foi inaugurada já com toda a solenidade a «Semana Portuguesa da Higiene» na sala Portugal da Sociedade de Geografia, em Lisboa.

Está tambem já definitivamente organizado o programa da «Semana da Tuberculose».

São dois movimentos pró-saude publica credores do aplauso unanime dos portugueses, e ainda merecedores da coadjuvação de todos os que no exercicio da sua função publica e predomínio social muito podem contribuir para a dilatação do ambito da sua eficacia.

São duas iniciativas fecundas a exaltar a solidariedade humana, pelo esforço das elites da nação, agindo directamente e estimulando os indifferentes, e quiçá insensíveis ao sofrimento alheio, á acção no dominio da profilaxia e combate directo ao habito ainda bem português da repulsa pelas praticas higienicas, principal obice ao exito benefico destas campanhas, sintese de admiraveis energias e porfiados esforços ao serviço da saude publica.

Altas individualidades, verdadeiros padrões no nosso meio scientifico, colectividades que definem correntes no seio da sociedade lhe têm rendido o seu encomio, indicação segura da concordancia com a sua oportunidade e urgencia e do proposito decidido de lhe assistirem com o seu laborioso afan. Acontecimento este que ilustra um dos capitulos da vida portuguesa e honra os filhos de Portugal.

O sr. dr. Carlos Santos, filho, no acto inaugural, deu todo o relêvo á propaganda e eficacia da publicidade da «Semana da Higiene» no dia 30 do corrente é no programa da «Semana da Tuberculose» o dia das Escolas em que todos os professores primarios farão aos alunos a leitura de varios profiláticos da tuberculose, annunciando para o dia seguinte uma *quie* a realizar em todas as escolas, de forma a todos concorrerem, na medida das suas posses, para a luta anti-tuberculose, a cargo da A. N. T.

Gostosamente iniciamos desde já o cumprimento deste dever, tanto mais que sendo professor primario, podemos afirmar que no programa da dissolvida União dos P. P. O. de P. estavam inscritos numeros representativos do mesmo ideal, ideal por que vela ininterruptamente a «Casa do Professor» que lhe succedeu.

Ficam bem nesta Tribuna os pensamentos do meu illustre colega lisboense, Manuel da Silva, que sempre sonhou para a Escola a função que ela deve de ter e para a Criança um futuro sem agruras, escritas no N.º 47 de o «Ensino Primario»:

«A Casa dos P. Primarios, altamente interessados em todos os grandes problemas da educação nacional, tem acompanhado com alvoroço todas as manifestações educativas que aumentem o bem-estar individual e colectivo. Merece-lhe por isso a melhor simpatia a «Semana da Higiene». E a emprestar uma autoridade cheia de exemplo e sacrificio aos seus aplausos, está o passado de que ela é herdeira. É que o entusiasmo em prol da «Semana da Higiene» recorda-lhe o papel da União dos Professores Primarios reforçando um grande movimento de renovação higienica e pedagogica que entre nós se realizou em 1925 a 1928 e a que se chamou a «Semana da Criança».

«Organizada sob um altissimo critério que mana da Criança, foi essencialmente uma attitude social de hygiene fisica, moral e mental.»

E noutro passo ainda:

«A Semana da Criança tinha um ideal definido quanto á «anulação progressiva dos antagonismos sociais»; unir numa obra educativa, comum e fraterna os portugueses de todos os credos, partidos e opiniões. Pois apesar disso foi guereada por quem para a entender precisava doutra cultura e doutra sensibilidade. E ela sente-se um pouco renascida na «Semana da Higiene.»

Deve estar ainda na memoria dos muitos que a ampararam naqueles três anos que o fulcro da sua acção

Pela França republicana!

Pela França da revolução!

Com a tomada e arrasamento da Bastilha, em 14 de Julho de 1789, a França republicana iniciou uma era de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Esse feito glorioso representa um dos primeiros passos dados para os direitos da humanidade inteira, acabando com o chamado direito divino e com a férrea e tenebrosa tradição dos poderes absolutos, dos despotismos e das reacções.

Ali fôram proclamados os «direitos do homem», e, então, as potencias europeias formaram um verdadeiro bloqueio contra a França da revolução e do idealismo puro.

Até a propria Inglaterra liberal ficou horrorizada com a execução de Luís XVI, quando ela já tinha decapitado o rei Carlos X em 1661 e fizera duas revoluções para ali instalar a Republica dos Cromwell. Mas esses exercitos fôram sucessivamente batidos pelos da Revolução Francesa, e esta triunfou.

No entanto, os principais homens que fizeram a revolução degladiaram-se, formando a Montanha e a Gironda.

A Junta de Salvação Publica era composta por Robespierre, Danton e Marat.

Nas Tulherias estabeleceram-se, em 16 Maio de 1793, a Convenção, que julgou Luís XVI, e o levou ao cadafalso. Depois, consecutivamente, fôram sendo guilhotinados os homens mais representativos da França, que o terror fizera decapitar!

Robespierre e os seus sequazes, tinham sido vencidos pelo Thermidor!

Formara-se o Directorio, e Napoleão Bonaparte fizera-se, sucessivamente, general, consul e imperador dos franceses!

E eis que a França voltou á monarquia, pela ambição do aventureiro còrso, que a precipitou de novo no canibalismo guerreiro de Luís XVI.

Após o exame de uma restauração imposta pelas armas estrangeiras, fez a revolução triunfante de Julho de 1830, a qual tinha sido precedida de uma série de tentativas fallhadas da revolução republicana.

Depois da elevação de Luís Filipe ao trono da França, succedem-se as revoluções de Lion, de Marselha e de Paris, todas elas sufocadas, saindo triunfante a de Fevereiro de 1848, que foi efêmera pelo golpe de estado de Bonaparte.

Finalmente, tendo-se desencadeado a guerra franco-prussiana, em 1870, que o imbecil reinante não soubera evitar, os desastres e as derrotas succediam-se, como esse de Sedan, que permitiu o cerco de Paris e que capitulando, deixou entrar as tropas prussianas naquela capital, assenhoreando-se elas de toda a França e exigindo para a sua libertação, uma soma de muitos biliões de francos como indemnização de guerra!

Mas o patriotismo dos franceses foi tão grande e tão bello que, despojando-se das suas joias, deram-nas, espontaneamente, para que ficassem libertados da tutela estrangeira. E foi assim que, os prussianos, levando carros e carros de ouro, evacuarão a França, e esta fez a Republica, definitivamente!

Quando, em 1914, se desencadeou a Grande Guerra, e esta é invadida pelas tropas do kaiser, é ainda o patriotismo dos franceses que a salva, na célebre batalha do Marne.

Admiravel povo este que dá lições de civismo ao mundo inteiro!

A. B.

abrangeia três belos e grandes nucleos de leis e acção higienistas: a assistencia á maternidade e á primeira infancia; a hygiene da alimentação infantil e os edificios escolares.

Com igual saudade recordamos este passo da minha classe, bem como a Festa da Arvore que a furia sectaria conseguiu abater.

Guimarães, Maio de 1931.
Prof. JERONIMO FERREIRA BOTELHO.

Noticiario

—No passado dia 11 passou o aniversario natalicio do nosso querido amigo e colaborador sr. Antonio Barbosa de Abreu Guimarães, pelo que o felicitamos.

—O nosso valioso correligionario e bemquisto negociante da nossa praça, sr. José Fernandes Guimarães, esteve em Lisboa durante a semana que finda.

—Vimos nesta cidade o velho republicano e importante proprietario, sr. Manuel de Sousa Guimarães, da freguesia de Serzedo.

CORONEL FARIA BLANC

Pela ultima Ordem do Exercito, ascendeu ao posto de coronel de infantaria, o nosso querido amigo, assinante e valoroso republicano, ex.º sr. José Faria Blanc, que durante muito tempo comandou e serviu no Regimento de Infantaria n.º 20, que teve sede nesta cidade.

O Povo de Guimarães cumprimenta e felicita efusivamente Sua Ex.ª.

Calçado barato

Na CAMISARIA MARTINS saldamos com grandes abatimentos, um grande lote de calçado :

Botas brancas para homem desde 29500; Botas em calf preto, a 43500; Ditas em calf. cor com duas solas a 49550; sapatos em calf cor a 50500; Botas com sola crepe a 58:00; sapatos em sola crepe para senhora a 22500; botas para rapaz em branco, preto e cor; sapatinhos para criança a 6500; sapatilhas para mulher a 4500. Sandalias para criança. Só na CAMISARIA MARTINS.

Pergunta inocente

Passando ha dias perto do Castelo, fomos surpreendidos com as obras de fortificação feitas no terreno destinado ao parque, existindo ali abertas trincheiras, das quais certamente a Camara nenhum conhecimento tem (o que leva a crer que foi obra realizada sem prévias consultas), pois que tal não consentiria quem representa numa edilidade a população que deseja ver concluida aquela obra grandiosa de parquização em volta do nosso primeiro monumento.

Pergunta-se, sem vislumbre de dupla intenção: ¿a que fim se destina o parque do Castelo?

Dr. Ferreira da Costa

Na semana finda faleceu em Rio Mau (Vila de Conde) o dr. Ferreira da Costa, saudoso professor do nosso Liceu, nosso correligionario e assinante.

Carácter nobilissimo, mestre sabedor e republicano de principios, a sua perda irreparavel foi muito sentida e chocou profundamente no coração daqueles que o conheceram e que com ele conviveram, pois era dotado dum espirito scintilante e desempoeirado.

O seu funeral, a que assistiram professores e alunos do Liceu Martins Sarmento, foi muito concorrido.

A familia enlutada, envia O Povo de Guimarães os seus sentidos pésames.

Transferencia

Para Moura, Alentejo, foi transferido inesperadamente o zeloso funcionario dos correios e telegrafos, nosso amigo José Gualdino Lima.

Modesto, mas exemplar no desempenho das suas funções, o nosso amigo, que é tambem um republicano indellectivel, deixa muitas saudades.

Fazemos votos por que regresso breve.

A'S BOAS DONAS DE CASA

Recomendamos a liquidação que faz a Casa das Louças. Grandes abatimentos. Liquidação completa de louças de esmalte, aluminio e porcelana. Comprar barato só na Casa das Louças, junto a Camisaria Martins.

Pela Policia

Participação ao sr. Administrador do Concelho, de Bernardino de Oliveira, casado, de 33 anos de idade, agricultor, residente no lugar de Vila Chã do Meio, freguesia de Urgez, deste concelho, comunicando que na noite de 11 para 12 do corrente, um grupo de individuos assaltou a propriedade onde é feitor, e pertence ao sr. Domingos Antonio de Freitas, sito no referido lugar de Vila Chã do Meio, furtando grande porção de laranjas, agredindo em seguida, á facada, o queixoso, que, apesar da hora adiantada da noite, foi acordado pelo ladrar do cão de guarda e foi ao encontro dos assaltantes.

O caso foi affecto á Secção Administrativa da Camara (extinta Administração do Concelho) onde se procedeu ás competentes investigações, apurando-se serem autores da proeza, os seguintes individuos: Domingos Pereira, solteiro, de 21 anos de idade, serralleiro; Manuel Teixeira, o «Torres», solteiro, de 22 anos, surrador; Francisco Fernandes, tambem conhecido por Francisco Machado, o «S. Pedro» solteiro, de 27 anos de idade, sapateiro, estes moradores na rua das Lameiras; Manuel da Silva o «Escovas», solteiro, de 25 anos, sapateiro; e Domingos Machado, o «Tum» solteiro, de 27 anos de idade, estes moradores no lugar da Cruz de Pedra, e todos da freguesia de Creixomil, deste concelho.

Mais foi averiguado que dos assaltantes o que agrediu, á facada, o queixoso, foi o Francisco Machado, o «S. Pedro».

Os autos foram enviados a Juizo.

Reclamações locais

Numa terra onde falta quasi tudo, relegada hoje para o numero das mais desprotegidas e maltratadas, não admira que sejam muitas, e todas instantes, e todas de indispensaveis, as reclamações de ordem local.

Dá a quasi constante peregrinação até aos poderes publicos, peregrinação de que todos voltam sorumbáticos e tristes, trazendo quando trazem... — boas palavras, melhores promessas, e nada mais. Nada mais.

Acaba agora de verificar-se o que tantas vezes tem acontecido.

Até Lisboa foram as chamadas forças vivas e os representantes categorizados da politica situacionista, com o objectivo de instarem junto de quem de direito pela colocação nesta cidade de uma unidade militar.

Das aspirações dos vimaranenses, das velhas e muito legitimas, uma das que mais os entusiasma e eles desejariam fervorosamente ver realizada, é a do regimento, com o respectivo distrito de recrutamento.

Não queremos, nesta occasião, dar nossa opinião sobre a questão de saber se, de facto, esta será, das nossas aspirações, uma daquelas cuja satisfação é mais urgente, ou mesmo de grande necessidade. O que lamentamos, muito sinceramente, mas não estranhámos — *el pour cause*... — é que mais uma vez não tenha sido concedido á nossa terra o que ela reclama.

Propositadamente dizemos *reclama*, e não *pede*. Quem tem razão, quem pugna por aspirações fundamentadas, legitimas, iguais a outras, que estranhas terras têm, com menos ou nenhuma razão, visto satisfeitas, não pede, — *reclama*. É isto para não dizer *exige*, — porque não há exigencias possiveis a quem só dá ou concede se muito bem quiser ou entender.

Esperamos que a grande comissão torne publico, pormenorizadamente, o resultado das suas diligencias.

Na CASA HIGH-LIFE e sua sede encontra-se sempre sortido variado de artigos de novidade a preços muito reduzidos.

EDITAL

Dr. Américo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Funcionario Recenseador do Concelho de Guimarães:

Faço saber que, de harmonia com o Decreto n.º 19:694 de 5 de Maio de 1931, as operações do Recenseamento eleitoral neste concelho, terão início em 20 do corrente e que na Secretaria da Câmara Municipal se darão todos os esclarecimentos sobre as condições necessárias e a maneira como os cidadãos devem inscrever-se no mesmo recenseamento.

O prazo para a apresentação de documentos ao funcionario recenseador, bem como para a organização do cadastro dos eleitores pelas Juntas de Freguesia, terminará em 15 de Junho inclusivè.

Para completo conhecimento dos interessados se transcrevem os artigos 1.º, 2.º, 5.º e 7.º do referido Decreto:

Artigo 1.º

Os vogais das Juntas de Freguesia são eleitos pelos cidadãos portugueses de um e outro sexo, com responsabilidade de chefes de família, domiciliados na freguesia há mais de seis meses.

§ 1.º Têm responsabilidade de chefes de família para os efeitos do corpo d'este artigo:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família constituída, se não tiverem comunhão de mesa e habitação com a família dos seus parentes até o terceiro grau da linha recta ou colateral, por consanguinidade ou afinidade.

2.º — As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens com família própria e as casadas cujos maridos estejam ausentes nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não estiverem abrangidas na ultima parte do número anterior;

3.º — Os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, com mesa, habitação e lar próprios.

§ 2.º — No caso da última parte do n.º 1 do parágrafo anterior consideram-se chefes para o exercicio do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte do prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.

Artigo 2.º

Os vogais das Câmaras Municipais são eleitos na proporção a estabelecer no Código Eleitoral:

1.º — Pelas Juntas de Freguesia do concelho;

2.º — Pelas corporações administrativas de assistência e associações de classe com mais de cinquenta associados e sede no concelho, legalmente constituídas há mais de um ano;

3.º — Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, que por diploma de qualquer exame público provem saber ler, escrever e contar, domiciliados no concelho há mais de seis meses;

4.º — Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, domiciliados no concelho há mais de seis meses, colectados em quantia não inferior a 100\$00, por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

Os cidadãos que desejem recensear-se compreendidos no n.º 3 do artigo 2.º farão o requerimento por seu próprio punho, segundo o modelo n.º 1, observando as indicações transcritas em seguida àquele modelo e juntarão ao seu requerimento o atestado de residência há mais de seis meses na freguesia por onde requeiram a inscrição, passado pelo respectivo regedor ou Junta e mais documentos que aludam às mencionadas disposições legais. Este requerimento e documentos, são todos isentos do imposto de selo e de quaisquer emolumentos ou salários desde que sejam somente passados e aproveitados para fim eleitoral, e devem ser entregues na Secretaria da Câmara.

MODELOS A QUE SE REFERE ESTE EDITAL

Modêlo n.º 1

Ex.º Sr. Secretário Recenseador do concelho de... F..., morador no lugar de... freguesia de... do concelho de... de... anos, filho de... e de..., (estado), (profissão), natural de..., nascido em... de..., tendo sido feito o seu registo de nascimento na freguesia de... concelho de... distrito de..., sabendo ler e escrever, como prova com este requerimento feito e assinado por seu punho, e residindo há mais de seis meses na morada acima indicada, como prova o atestado junto, requer a V. Ex.ª que, em harmonia com as disposições da lei eleitoral em vigor, o inscreva como cidadão eleitor no caderno do recenseamento da freguesia onde reside. Pede deferimento.

(Data e assinatura).

(Este requerimento deve ser reconhecido pelo Presidente da Junta da Freguesia onde residir o requerente, que atestará, por sua honra, que o requerimento foi feito e assinado pelo proprio na sua presença, perante duas testemunhas que também assinarão e deverão ser eleitores na respectiva freguesia. Também pode ser reconhecida pelo notário).

Modêlo n.º 2

Atesto, ou (atestamos) para fins eleitorais, que F... (nome, estado e profissão, reside neste concelho (ou bairro ou freguesia de..., há... meses).

(Data e assinatura ou assinaturas).

(Selo em branco ou reconhecimento de assinatura ou assinaturas).

Para constar se publicou este e outros de igual teor.

Guimarães, 15 de Maio de 1931.

Américo de Oliveira Durão.

5.º Pelos cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores de vinte e um anos, com curso secundário ou superior comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses.

§ 1.º — Para os cidadãos portugueses que forem ou tiverem sido funcionarios ou empregados do Estado ou dos corpos administrativos, cujo exercicio implique as habilitações mencionadas nos n.ºs 3 e 5, o diploma a que os mesmos números se referem pode ser substituído por documento que prove que desempenham ou desempenharam os cargos respectivos.

§ 2.º — Das relações dos funcionarios e empregados que as entidades mencionadas no artigo 2.º e seus parágrafos da lei n.º 941, de 14 de Fevereiro de 1920, são obrigadas a enviar ao funcionario recenseador, para inscrição nos cadernos eleitorais, deverá constar a declaração das habilitações referidas nos n.ºs 3 e 5 d'este artigo, nos termos do parágrafo anterior, a qual substitui a exhibição dos diplomas mencionados naqueles números.

§ 3.º — Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações serão obrigatória e gratuitamente passados, em papel sem selo, dentro dos prazos marcados no presente decreto, mediante pedido verbal dos interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos nas penalidades por desobediência qualificada.

Artigo 5.º

Não têm direito a voto:

1.º — Os que receberem algum subsídio de assistência pública ou da beneficência particular, e especialmente os que estenderem a mão à caridade;

2.º — Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

3.º — Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não reabilitados e em geral todos os que não estiverem no gozo dos seus direitos civis e políticos;

4.º — Os reconhecidos notoriamente como dementes, embora não declarados interditos por sentença.

Artigo 7.º

7.º — Até 15 de Junho todos os cidadãos com direito de voto poderão apresentar ao funcionario recenseador requerimento em papel comum e devidamente instruído para a sua inscrição nos cadernos eleitorais.